

Passados cinqüenta anos da 2ª. Grande Guerra, o mundo, olhando para trás em retrospecto, ainda se abisma diante da grandiosa visão de loucura que ela gerou e legou às gerações que a sucederam. Uma das coisas que mais impressionaram – acho que posso falar por toda a redação – enquanto fechávamos o dossiê 26, *50 Anos de Final de Segunda Guerra*, foi o fato de que as imagens da guerra continuam cada vez mais fortes, contundentes, alarmantes. Parece que, de certa forma, tudo se passou num planeta ao lado – e isso, mesmo sendo bombardeados dia-a-dia por Bósnia, Iraque, Ruanda, Namíbia etc. A loucura coletiva deflagrada pelo nazismo e, contraditoriamente, hoje, menos verossímil que a idéia também absurda de um Vietnã, saiba-se lá por quê. A aterradora Berlin nazista regurgitando de gente uniformizada, estampando ao vento suásticas de idade média, promove ainda hoje uma nauseante noção do sentido da palavra "pátria". O mar de indivíduos desindividualizados é uma das formas mais completas que a hecatombe gerou no planeta. A guerra mudou o mundo, a vida, o ser humano. O homem conheceu a "bomba", o holocausto e a possibilidade concreta de um naufrágio. Neste 95 – que ainda marca o cinqüentenário da criação da ONU –, é não só; possível como necessária uma interpretação do desastre. Esta é a proposta de nossa revista no número atual. Para sua realização, ela contou com algumas ajudas valiosas, como as proporcionadas por Maria Lígia C. Prado – que além de sugerir e contatar nomes valiosos, mesmo fora do país se manteve "plugada", acompanhando passo a passo o desenvolvimento de todo o trabalho. Nossos agradecimentos também a Lenina Pomeranz, intermediadora do texto de chegada mais complexa à revista até hoje – o do excelente historiador russo Ígor Dolútski. Para o leitor ter uma pálida idéia da odisséia, somente uma das sessões de fax de Moscou-São Paulo chegou a durar mais de catorze horas. Confira, caro leitor, o resultado estupendo, surpreendente, de tanto trabalho.

O EDITOR